



UM CHAMADO À
REFORMA
ESPIRITUAL

*As prioridades do apóstolo Paulo
e de suas orações*

2ª edição

D.A. CARSON

Um chamado à reforma espiritual © 2007 Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *A call to spiritual reformation* © 1992 by D. A. Carson pela Baker Academic Group, uma divisão da Baker Publishing Group, Grand Rapids, Michigan, 49516, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2007 – 3.000 exemplares

2ª edição 2019 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução

Valdeci da Silva Santos

Revisão

Claudete Água de Melo

Marcos Leonardo Paixão da Silva

Mariana Ferreira de Toledo

Editoração e capa

Ideia Dois

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

C321u Carson, D. A.
Um chamado à reforma espiritual / D. A. Carson; tradução Valdeci da Silva Santos. – São Paulo : Cultura Cristã, 2019.
208 p.
Título original: A call to spiritual reformation
ISBN 978-85-7622-866-0
1. Oração 2. Bíblia 3. Vida cristã I. Santos, Valdeci da Silva II. Título
CDU-243

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Este livro é dedicado com gratidão a
Paul e Anke Miller

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução: A necessidade imediata da igreja</i>	9
1. Lições da escola de oração	17
2. A estrutura da oração (2Ts 1.3-12)	35
3. Petições dignas (2Ts 1.1-12)	47
4. Orando por outras pessoas	59
5. Uma paixão pelas pessoas (1Ts 3.9-13)	73
6. O conteúdo de uma oração desafiadora (Cl 1.9-14)	87
7. Pretextos para não orar	101
8. Superando os obstáculos (Fp 1.9-11)	111
9. Um Deus soberano e pessoal	129
10. Orando ao Deus soberano (Ef 1.15-23)	149
11. Orando por poder (Ef 3.14-21)	163
12. Oração pelo ministério (Rm 15.14-33)	185
<i>Epílogo: Uma oração por reforma espiritual</i>	203
<i>Notas finais</i>	205

PREFÁCIO

Duvido que haja algum cristão que às vezes não considere difícil orar. Isso não é surpreendente nem desanimador: não é surpreendente porque ainda somos peregrinos, com muitas lições a aprender; não é desanimador porque lutar com essas questões faz parte do processo de aprendizagem.

O que é tanto surpreendente quanto desanimador é a absoluta falta de vida de oração que caracteriza parte tão grande da igreja ocidental. É surpreendente porque não está de acordo com a Bíblia, que descreve como a vida cristã deve ser; é desanimador porque frequentemente coexiste com atividades cristãs abundantes que, de certo modo, dão a impressão de serem vazias, frívolas e superficiais. Um pouco menos perturbadora é a oração entusiástica em alguns círculos, que transborda de liberação emocional, mas que é, na verdade, isenta de qualquer controle que seja motivado por uma reflexão zelosa sobre as orações das Escrituras.

Eu gostaria de poder dizer que sempre evito essas armadilhas. A verdade é que sou parte do que condeno. Porém, se queremos fazer qualquer progresso no sentido de reformar a nossa oração particular e pública, temos então que começar a atentar cuidadosamente para as Escrituras novamente e procurar a ajuda de Deus para que possamos compreender como aplicar as Escrituras à nossa vida, ao nosso lar e à nossa igreja.

Este livro não é uma teologia abrangente da oração, predisposto contra a prática do debate moderno a respeito da natureza da espiritualidade. Em outra ocasião, estive envolvido num projeto que tentava algo parecido.¹ Aqui, o objetivo é bem mais simples: trabalhar em diversas orações de Paulo de tal modo que ouçamos Deus falar conosco hoje, e encontrar força e direção para aperfeiçoar a nossa oração, tanto para a glória de Deus como para o nosso bem.

Este livro começou a ganhar vida a partir de uma série de sete sermões. Essa série de sete foi pregada num único lugar: na “escola de verão” da Church

Missionary Society, em New South Wales, no início de janeiro de 1990. Humanamente falando, a época era desfavorável: a minha mãe tinha morrido na noite do ano-novo. Ainda assim, forçar-me a dar aquele passo para cumprir um compromisso já marcado serviu apenas para demonstrar mais uma vez que o poder de Deus se manifesta nas nossas fraquezas, pois os cultos em New South Wales estavam repletos da presença e do poder do Senhor. Sou grato ao meu irmão e ao meu pai por me estimularem a continuar com os cultos, e ao Rev. Peter e Joan Tasker e ao arqui-diácono Victor e Delle Roberts e seus companheiros pelo calor humano e encorajamento. Agradeço também a Baker Book House pelo seu interesse neste estudo expositivo, e pelas suas sugestões práticas sobre como transformar sete sermões bastante extensos em capítulos menores para as páginas de um livro. Os pregadores que se interessarem em saber como esses capítulos foram originalmente configurados poderão consultar as “notas ampliadas” [na seção de Notas, no final deste livro].

O conteúdo destas páginas é substancialmente o mesmo que foi entregue na forma oral, mas o estilo foi modificado para a impressão. Tendo em vista o número de leitores que esperamos, não incluí bibliografia, exceto quando realmente cito uma fonte. Para facilitar o uso deste livro em grupos de estudo e em classes de escola dominical, incluí perguntas no final de cada capítulo. Às vezes, as perguntas requerem respostas factuais (e, portanto, são úteis para recapitulação), e algumas vezes requerem reflexão, debate ou mais estudo; elas podem ser mais úteis, então, a um grupo liderado por alguém que esteja mais avançado no discipulado cristão do que o leitor casual possa estar.

Soli Deo gloria.

D. A. Carson
Trinity Evangelical Divinity School

Introdução

A NECESSIDADE IMEDIATA DA IGREJA

Qual é a necessidade mais urgente na igreja do mundo ocidental hoje? Muitas respostas diferentes são dadas a essa pergunta. Assim como no círculo político alguns grupos de assuntos individuais às vezes prendem a atenção e temporariamente controlam a discussão nacional, assim também no círculo eclesiástico existem grupos com uma visão única e uma única resposta para todas as questões.

Algumas pessoas na igreja dizem que o que precisamos é de pureza quanto às questões sexuais e de reprodução. Não há dúvida de que os fatos são alarmantes. Poucos anos atrás, *Christianity Today* publicou o resultado de uma pesquisa mostrando que em várias igrejas de grupos de pessoas só na Califórnia – grupos de pessoas solteiras e divorciadas, geralmente com idades entre 20 e 35 anos – mais de 90% tanto de homens quanto de mulheres tinham se envolvido ou estavam se envolvendo em relacionamentos sexuais ilícitos. “Ah”, você diz, “trata-se da Califórnia: o que você espera?” Porém, uma pesquisa mais recente, publicada pela *Leadership*, não é muito mais encorajadora. Um estudo sobre adolescentes de igrejas evangélicas em todos os Estados Unidos revelou que mais de 40% desses jovens, de 18 anos de idade ou menos, envolveram-se em sexo pré-marital (contra 54% que é a média nacional). Dentro de um raio de 40 quilômetros da minha casa, pelo menos quatro pastores arruinaram o próprio ministério nos últimos anos por causa de problemas morais. Os diretores de várias agências missionárias da América do Norte e da Europa confiaram-me que eles têm tido que lidar com mais problemas de imoralidade sexual entre os missionários,

durante os últimos cinco anos, do que durante os trinta, quarenta ou cinquenta anos anteriores.

Embora um sapo que seja lançado em água quente pule imediatamente, o mesmo pode ser cozido vagarosamente até a morte se a temperatura da água na qual ele está elevar-se lentamente. Como esse sapo proverbial, nossa cultura está vagarosamente esquentando e nos destruindo. A celebração tecnológica da lascívia e da violência invade os nossos lares por intermédio de revistas, do rádio, dos jornais e da televisão. A pornografia que não era admitida em *nenhum* cinema da vizinhança apenas há três décadas, agora está facilmente disponível. A invenção do vídeo cassete e a ampla disponibilidade da TV a cabo e dos canais pagos expõem milhões de pessoas tanto à pornografia leve como à pesada, que mesmo hoje não pode ser exibida em cinemas públicos. Uma olhada na prateleira de revistas no caixa de qualquer supermercado mostra que pertencemos a uma cultura obcecada pelo sexo.

E isso não é tudo. A Organização Mundial da Saúde estima que não menos que dez milhões de pessoas morrerão de AIDS, não importando que descobertas sejam feitas no futuro próximo. Sem dúvida nenhuma, uma pequena porcentagem de portadores do vírus da AIDS é completamente inocente de qualquer conduta imprópria na área sexual: hemofílicos contraíram a doença, e também esposas inocentes, filhos de mães infectadas, e viciados em drogas que compartilharam agulhas contaminadas. Porém, existe pouca dúvida de que a doença é transmitida pela promiscuidade, tanto homossexual quanto heterossexual. Se a promiscuidade fosse miraculosamente barrada, a doença seria extinta.

Outros consideram o problema mais urgente da igreja como sendo menos ligado à moralidade pessoal do que aos programas de ação mais abrangentes que estão ligados à reprodução. A afronta cristã à tolerância contínua da facilitação ao aborto é firme: não são poucos os que veem essa questão como o mais urgente desafio que igreja ocidental contemporânea defronta.

Deus sabe que precisamos de pureza nas questões sexuais e reprodutivas. Porém, sejamos francos: algumas sociedades experimentam altos graus de integridade sexual sem muito conhecimento de Deus, sem vida eterna. Muitas nações muçulmanas, por exemplo, exibem um grau muito mais alto de pureza sexual e um índice muito menor de aborto do que qualquer nação ocidental. Com certeza, essa não pode ser a nossa maior necessidade.

Outros dizem que a necessidade mais urgente da igreja é uma combinação de integridade e generosidade na área financeira. Pode ser embaraçoso descobrir quantas pessoas, entre as que leem estas páginas, já trapacearam nos formulários de imposto de renda. Houve época, em muitas nações ocidentais, em que a

palavra de uma pessoa tinha tanto valor quanto um contrato escrito, mas isso é coisa do passado. A corrupção em larga escala sacudiu instituições financeiras cujos nomes simbolizaram confiança absoluta.

Uma das características mais assustadoras do retorno a um estilo de vida mais conservador nos anos 80 e 90 é a ganância absoluta na qual ele está envolto. O conservadorismo dos anos 50 nasceu da Depressão dos anos 30 e da Guerra Mundial dos anos 40: os pais trabalharam duro para construir um mundo para seus filhos que fosse melhor do que o que eles tinham conhecido. Mas o novo conservadorismo dedica pouco tempo ao futuro, e menos ainda às crianças. Queremos fazer o nosso próprio pequeno pé-de-meia, e gastá-lo; queremos que o governo faça o máximo possível por nós, mas retarde os impostos até o tempo em que os nossos filhos terão que pagar por nossos excessos. As técnicas de *marketing* conspiram para nos fazer pensar que a felicidade está relacionada com as aquisições – as pessoas de negócios sabem de cor o número dos seus cartões de crédito; a posição na sociedade está fortemente condicionada à riqueza exterior.

Em certa medida, é claro, a ganância caracteriza todas as culturas neste mundo caído. Mas o culto sem restrições a Mamon tem se tornado tão evidente, tão ultrajante, tão difundido no mundo ocidental durante os últimos dez anos, que muitos de nós estão dispostos a fazer quase que qualquer coisa – incluindo sacrificar os próprios filhos –, para poder comprar mais. Assim, o que precisamos é de integridade associada à generosidade, uma nova libertação dessa miserável escravidão à riqueza, uma escravidão que está corroendo as nossas decisões e corrompendo o nosso direcionamento.

Deus sabe que precisamos ser libertos do nosso materialismo desenfreado. Mas a franqueza nos força a reconhecer que existem sociedades que são muito menos devotas ao credo do “Mais!” do que nós, mas cujo povo não conhece a Deus. Como, então, essa poderia ser a nossa necessidade mais urgente?

Então, alguém diria, o que nós precisamos nesta hora de decadência espiritual é de evangelismo e plantação de igrejas. A população mundial está aumentando, e as “missões” não podem mais ser consideradas como algo que acontece “lá”. A maioria das nações ocidentais está crescendo em diversidade étnica. Estima-se que no ano 2000, nos Estados Unidos, as pessoas de cor branca, protestantes anglo-saxões, serão apenas 47% da população. Se perguntarmos o quanto o evangelismo tem sido efetivo entre os hispânicos em Chicago, os gregos em Sydney, os árabes em Londres, ou os asiáticos em Vancouver, nós nos enforçaríamos de vergonha. Cidades mundiais continuam atraindo a massa da população mundial, enquanto na maioria dos países ocidentais a igreja, em sua força (seja esta “força” fraca como é), é rural e suburbana, não urbana. Apesar de

haver maravilhosos pontos brilhantes, o evangelicalismo não tem se mostrado muito zeloso ou efetivo na obediência ao mandado do Senhor de evangelizar.

Sim, precisamos urgentemente de mais e melhor evangelismo. Porém, devemos sinceramente analisar vários fatos alarmantes. Até que ponto aqueles que se convertem em congressos evangelísticos de abrangência mundial na verdade perseveram por um período de cinco anos? Em cuidadosos estudos que foram feitos, a variação mais comum encontrada é de 2 a 4%; ou seja, entre 2 e 4% daqueles que fazem profissão de fé nesses congressos ainda estão perseverando na fé cinco anos depois, de acordo com que mostram as análises por critérios externos, tais como frequência à igreja, leitura bíblica regular, ou semelhantes.

Nem mesmo essas estatísticas tão assustadoras revelam a imensidão do problema. Muitos dos que professam fé parecem pensar que cristianismo é algo a ser acrescentado à vida já tão atarefada, e não algo que deva controlar, refrear e modelar a visão e todos os objetivos de uma pessoa. O Princeton Religion Research Center [Centro de Pesquisa da Religião de Princeton], que estuda religião na América, demonstrou que o pequeno aumento durante os últimos dez anos do número de americanos que frequentam a igreja deve ser contrastado com o declínio marcante de cristãos que pensam que existe uma ligação essencial entre cristianismo e moralidade. A triste verdade é que muito do cristianismo americano está retornando ao puro paganismo: o pagão comum pode ser bastante religioso sem necessariamente ter algum compromisso quanto à ética, à moralidade, à autorrenúncia ou à integridade.

Em resumo, o evangelismo – pelo menos o evangelismo que tem dominado grande parte do mundo ocidental – não parece poderoso o bastante para tratar da nossa decadência.

Talvez a nossa necessidade mais urgente, então, é de pensamento disciplinado, bíblico. Precisamos de mais seminários e faculdades bíblicas, mais teólogos, mais treinamento leigo, mais pregação expositiva. Que outro modo temos para treinar uma geração inteira de cristãos a pensar os pensamentos de Deus, a não ser o ensino por meio das Escrituras, fazendo-os aprender bem a Bíblia?

Não estou em posição de criticar a pregação expositiva e os seminários: dei a minha vida a esse ministério. Ainda assim, estou entre os primeiros a admitir que alguns alunos da instituição onde ensino, e alguns integrantes do corpo docente também, podem dedicar milhares de horas ao estudo diligente das Escrituras e, mesmo assim, de alguma maneira demonstrar um conhecimento extraordinariamente raso de Deus. O conhecimento bíblico pode ser meramente acadêmico e rigoroso, mas de certo modo não edificante, não doador de vida, não devoto, insincero.

O tempo é escasso para listar outras necessidades urgentes que vários grupos defendem. Alguns grupos apontam para a necessidade premente de um culto real, vital para a igreja como corpo; outros focalizam nas tendências da nação e, portanto, na necessidade do envolvimento na política e na diplomacia.

Sem dúvida que todas essas coisas são importantes. Eu não gostaria que qualquer coisa que eu tenha dito fosse tomada como menosprezo ao evangelismo e ao culto, uma diminuição da importância da pureza e da integridade e uma falta de zelo para com o estudo disciplinado da Bíblia. Porém, há um sentido em que essas necessidades urgentes são meramente sintomas de uma carência muito mais séria. A coisa de que nós mais urgentemente precisamos na cristandade ocidental é um conhecimento mais profundo de Deus. Precisamos conhecer melhor a Deus.

Quando o assunto é conhecer a Deus, somos uma cultura de atrofiados espiritualmente. Grande parte da nossa religião é apresentada de modo a atender às nossas necessidades sentidas – e estas são quase que invariavelmente ancoradas na busca de nossa própria felicidade e realização. Deus torna-se simplesmente o Grande Ser que, pelo menos potencialmente, supre as nossas necessidades e realiza as nossas aspirações. Pensamos muito pouco a respeito de como ele é, o que ele espera de nós, o que ele procura em nós. Não somos cativados por sua santidade e seu amor; seus pensamentos e palavras capturam muito pouco da nossa imaginação, do nosso discurso e poucas das nossas prioridades.

Na visão bíblica das coisas, um conhecimento mais profundo de Deus traz consigo um progresso enorme nas outras áreas mencionadas: pureza, integridade, efetividade evangelísticas, melhor estudo da Escritura, aperfeiçoamento tanto do culto público como do privado. Mas se procurarmos essas coisas sem desejar apaixonadamente um conhecimento mais profundo de Deus, estaremos correndo egoisticamente atrás das bênçãos de Deus sem correr atrás dele. Somos piores até do que aquele homem que quer os serviços da sua esposa – alguém que o espera em casa, que cozinha e limpa, alguém com quem dormir – sem nunca fazer um esforço para realmente conhecer e amar a sua esposa e descobrir o que ela quer e do que ela precisa; digo que somos piores do que esse homem porque Deus é mais do que qualquer esposa, mais do que a melhor das esposas: ele é perfeito em seu amor, ele nos fez para si mesmo, somos devedores a ele.

Mesmo assim, este não é um livro que trate diretamente do desafio de conhecer melhor a Deus. Em vez disso, ele focaliza uma pequena, mas vital parte desse desafio. Um dos passos fundamentais no conhecimento de Deus, e uma das demonstrações básicas de que conhecemos a Deus, é a oração – oração espiritual, persistente e bíblicamente direcionada. Robert Murray M'Cheyne, escrevendo há um século e meio, declarou: “O homem é o que ele é quando está de joelhos,

sozinho diante de Deus, nada mais”. Porém, nós temos ignorado essa verdade. Aprendemos a organizar, a construir instituições, a publicar livros, a nos inserir na mídia, a desenvolver estratégias evangelísticas e a administrar programas de discipulado, mas nos esquecemos de como orar.

A maioria dos pastores testifica a respeito do declínio da oração individual, familiar e pública ao longo de toda a nação. Até mesmo os recentemente organizados “concertos de oração” são, de uma perspectiva histórica, sinceramente desanimadores: alguns deles, pelo menos, são tão evidentemente manipuladores que estão a anos-luz de reuniões de oração que aconteceram em partes do mundo que experimentaram o alento de um despertamento enviado do céu. Além do mais, está mais do que claro que eles estão mudando os hábitos de oração das nossas igrejas, ou a disciplina particular de um significativo número de crentes.

Há dois anos, num importante seminário norte-americano, 50 alunos que estavam se oferecendo para o ministério em outros países durante as férias de verão foram cuidadosamente entrevistados para que a adequabilidade deles fosse avaliada. Apenas três desses 50 – 6% – afirmaram fazer cultos individuais regulares, tirar tempo para a leitura das Escrituras e devotar-se à oração. Seria doloroso e desagradável expor a vida de oração de muitos milhares de pastores evangélicos.

Porém, podemos sondar ainda mais profundamente. Onde está o nosso deleite em orar? Onde está a nossa percepção de que estamos nos encontrando com o Deus vivo, que estamos lidando com Deus, que estamos intercedendo com unção genuína diante do trono da graça? Quando foi a última vez em que saímos de um período de intercessão sentindo que, como Jacó ou Moisés, havíamos convencido a Deus? Que porcentagem de nossas orações é grandemente repetitiva, ornamentada generosamente com clichês que nos lembram, incomodamente, dos hipócritas que Jesus denunciou?

Não escrevo essas coisas para manipular você ou para despertar sentimentos de culpa. Mas o que devemos *fazer*? Não temos, muitos de nós, tentado uma vez ou outra melhorar as nossas orações, e nos atrapalhamos tanto que ficamos mais desanimados do que em qualquer outra época? Você não sente, como eu, a gravidade do problema? Exceto por algumas pessoas que a maioria de nós conhece como notáveis guerreiras na oração, não é, todavia, verdade que, em geral, somos melhores em organizar do que em agonizar? Melhores em administrar do que em interceder? Melhores na comunhão do que no jejum? Melhores no entretenimento do que na adoração? Melhores em articulações teológicas do que em adoração espiritual? Melhores – Deus nos ajude! – em pregar do que em orar?

O que há de errado? Esse triste estado não é algum tipo de indicador do nosso conhecimento de Deus? Não devemos concordar com J. I. Packer quando ele

escreve: “Eu acredito que a oração é a medida do homem, no sentido espiritual, de uma maneira que nada mais é, de modo que o modo como oramos é uma questão importante com a qual sempre nos defrontamos”?¹ Podemos proveitosamente encarar os outros desafios que confrontam a igreja ocidental se a oração é ignorada na extensão em que tem sido?

Meu objetivo nesta série de meditações é, portanto, examinar os fundamentos. Muitas abordagens diferentes poderiam ter sido escolhidas, mas a adotada aqui é simples. Assim como a Palavra de Deus deve reformar a nossa teologia, a nossa ética e as nossas práticas, do mesmo modo ela deve reformar a nossa oração. O propósito deste livro, então, é examinar cuidadosamente algumas orações de Paulo, de tal modo que possamos alinhar os nossos hábitos de oração com os dele. Queremos aprender sobre o que orar, que argumentos usar, que prioridades adotar, que convicções devem moldar as nossas orações, e muito mais. Poderíamos examinar as orações de Moisés, Davi ou Jeremias. Mas aqui, nós focalizaremos em Paulo, e especialmente nas petições de Paulo, reconhecendo que o foco é limitado. Devemos constantemente tentar compreender não apenas as primeiras noções das orações de Paulo, mas também como os cristãos podem adotar a teologia da oração de Paulo nas suas próprias experiências na oração. E desde que um avivamento duradouro, uma renovação genuína e uma verdadeira reforma brotem da obra do Espírito Santo quando ele toma a Palavra e a aplica na nossa vida, é importante para mim enquanto escrevo, e para você, ao ler, parar frequentemente e pedir que o Espírito Santo tome aquilo que for fiel à Bíblia e útil nestas meditações e aplique às nossas vidas, de modo que a nossa vida de oração seja permanentemente transformada.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E REFLEXÃO

.....

1. Qual é a necessidade mais premente na igreja contemporânea do mundo ocidental? Defenda o seu argumento.
2. Relacione todas as necessidades da igreja, mencionadas neste capítulo, de que você puder se lembrar. Acrescente outras. Como essas coisas se relacionam à questão fundamental a respeito do quanto sabemos a respeito de Deus?
3. Embora este livro ocupe-se de encorajar orações bíblicas, obviamente é possível orar sem qualquer conhecimento real do Deus vivo. Como pode ser isso? Existe algum tipo de oração que deve ser evitado? Se existe, qual é ele?